

## **Vida Religiosa feminina: novas interpretações frente à modernidade contemporânea**

**Sílvia Regina Alves Fernandes <sup>(1)</sup>**

### ***Introdução***

Este artigo sobre a Vida Religiosa feminina sintetiza os resultados obtidos numa pesquisa mais ampla recentemente concluída <sup>(2)</sup>. A preocupação central do estudo era a de estabelecer relações entre a tradição e a modernidade contemporânea em um estilo de vida considerado pelo senso comum como inadequado para os dias atuais.

Observando as transformações constantes e as reflexões travadas em grupos de religiosas que eu conhecia, decidi investigar como estaria se constituindo hoje a Vida Religiosa (VR) feminina diante das interpelações da sociedade secular. Pensar sobre o peso da influência da modernidade contemporânea sobre mulheres deste tempo que se dedicam a uma vida antimoderna (ao menos em tese) transformou-se num desafio para mim, bastante interessante.

Na modernidade contemporânea assiste-se a uma permanente mudança nos relacionamentos. Há negociações contextuais e a comunicação não tem mais limites ou fronteiras que a iniba. As certezas também não estão mais tão seguras de si e abrem espaço para a contingência e o acaso. Os sujeitos fazem escolhas não mais definitivas, mas que valem intensamente para o hoje. Que efeitos este quadro surte em mulheres que se dedicaram à Vida Religiosa consagrada? Estariam estas mulheres vivendo em um mundo à parte deste redemoinho de indefinições?

A pesquisa foi realizada em quatro congregações religiosas no Rio de Janeiro. Cada grupo, vivendo um determinado carisma fundante e inserido na sociedade de uma forma específica. Assim, nomeiei-as simplesmente de acordo com a natureza de sua atuação:

- **Religiosas inseridas** - atuação nos meios populares e periferias com participação pastoral;
- **Religiosas inseridas contemplativas** - atuação nos meios populares e periferias sem ação pastoral;
- **Religiosas tradicionais de vida ativa** - atuação em colégios, pastorais, uso do hábito religioso e sem atuação necessária nos meios populares;
- **Religiosas tradicionais de vida contemplativa** - vida em regime de clausura; ordens religiosas de contato restrito com a sociedade civil.

Verifica-se a ocorrência de uma tensão entre a manutenção da tradição e o avanço rumo a novas interpretações e busca de novos modelos para a Vida Religiosa na modernidade brasileira. O estudo de Rosado Nunes (1985) feito com religiosas dos meios populares, indicava estas mudanças. O caráter crítico do discurso destas

religiosas bem como a configuração de projetos individuais que se elaboravam muitas vezes a partir do contato com o povo, fazia crer que especialmente este estilo de VR, apontava para uma modernização da opção religiosa que ocorria em termos subjetivos sendo capaz de provocar uma reorientação institucional.

Tanto a idéia de destradicionalização quanto a idéia de modernização radical merecem relativizações quando se trata de religiosas católicas. Este estudo apresenta algumas especificidades deste universo, bem como instiga para investigações neste campo que se encontra no limite entre o secular e o religioso.

### ***Religiosas Católicas e a análise de discurso***

Primeiramente, é bom destacar que fazer análise de discurso de um grupo, na maioria das vezes, bem informado e com razoável nível de intelectualidade, não é muito simples. Se considerarmos que este estudo pode abrir portas no âmbito institucional, mas também fechá-las (no sentido de comprometimento das informantes com a instituição) o discurso falado pode ser arrumado convenientemente ainda que de forma não intencional. Para fugir deste problema metodológico, somei às entrevistas, o trabalho de campo que se constituiu em observar as atividades das religiosas, suas tarefas cotidianas dentro ou fora das casas conventuais e/ou moradias menos pomposas. O discurso se construiu então não apenas através das entrevistas, mas sobretudo através da convivência com as religiosas. Tal convivência se dava nas refeições conjuntas, visitas e participação em atividades de cunho religioso. Neste sentido, o saber científico construído tradicionalmente ia se perfazendo com a experiência etnográfica que, por sua vez, ia se constituindo como uma teoria a mais possibilitando sempre novas leituras do objeto estudado.

Aliás, ser tratada como "objeto de pesquisa" significou para uma de minhas entrevistadas uma situação incômoda e por que não dizer, insuportável. Claro, o velho debate entre religião e ciência nessas horas toma corpo e se configura numa primeira rejeição à tentativa de explicar aquilo que para elas não é explicável, como por exemplo, a vocação religiosa. Muitas vezes, o discurso se configurou no silêncio ou na ansiedade em se conseguir dados preliminares a respeito da pesquisa.

Procurei perceber principalmente através das várias formas de discurso das religiosas, a invasão da modernidade reflexiva em suas trajetórias. Segundo Giddens (1997) tal reflexividade é um componente constitutivo da modernidade e inclui não apenas a reflexão, mas sobretudo uma busca contínua de escolhas que muitas vezes independem do sujeito livre. A trajetória dessas mulheres conjugam a tradição com a visão de mundo que adquiriram através dos recursos descritivos da modernidade. Não podemos mais falar de estagnação, mas sempre de movimento que ora se abaixa para beber da fonte oferecida pelas tradições e ora avança para propor o inimaginável aos próprios sistemas especialistas que detêm o conhecimento e a verdade.

### ***Motivações para o ingresso na VR***

Realizei vinte entrevistas com as religiosas de diferentes grupos. Uma dos temas referia-se às motivações: quais são, para as religiosas, os elementos catalisadores para esta escolha.

Na perspectiva Weberiana, embora a vocação protestante fosse a mais modernizadora por ser intramundana e dotada de ética racional, também a vocação católica teria alguns aspectos modernizantes no sentido de que produz rotinização na conduta. Para Weber, entretanto, o afastamento do mundo vivido pelos monges se traduziria como antimoderno. Em minha análise, observo que há aspectos modernizantes ainda que na vocação monástica, em especial a experiência

moderna do aconselhamento ao público realizado pelas religiosas contemplativas. E mais, os aspectos destacados como elementos motivadores conjugam razão e emoção tornando fluida essa aparente dicotomia como bem assinala Rolim (1997) em sua interpretação da teoria weberiana.

As religiosas inseridas de ambas as práticas demonstraram que o sentimento de ser predestinada à Vida Religiosa está diretamente relacionado com a vivência da solidariedade com os pobres. E este sentimento as impulsionou para a escolha da VR. Em geral este processo de escolha é gradual e conflitante. Trata-se de uma escolha definitiva, mas certo é, que esse caráter definitivo da opção remodela-se e adapta-se quotidianamente. Pode-se dizer que o definitivo é construído no cotidiano e isso demarca a fugacidade da escolha feita no ontem, com pretensão do sempre. Os grupos de inseridas valorizam a experiência mística onde a memória exerce um papel fundamental. Os sinais e sentimentos de comunicação com o sagrado vividos por estas irmãs revelaram-se como marcos temporais extremamente significativos em suas trajetórias. Esta perspectiva mística integra a vocação num continuum configurado pela interpelação, pela busca de sentido para a vida que se constrói referenciada pela memória ativa.

O desejo de liberdade concebido não apenas enquanto uma liberdade física, no sentido de liberalização de uma estrutura conventual pesada, mas considerando o transcendente quase como um agente com completa capacidade de interferência, é outra motivação forte para as religiosas inseridas.

Entre as religiosas tradicionais contemplativas a busca da experiência soteriológica foi o grande elemento motivador para o ingresso na VR. Dentro da perspectiva de salvação deste grupo articulam-se as idéias de sacrifício e imolação. Esta noção sacrificial se destacou no que se refere aos trabalhos pesados do convento que contribuíram para uma espécie de purificação espiritual e que podem propiciar, por outro lado, a salvação da humanidade. Há ainda um aspecto paradoxal presente na idéia de sacrifício que a torna antimoderna porque nega o bem estar individual e moderna porque rotiniza a conduta no trabalho, ainda que através de motivações puramente espirituais.

Para as tradicionais de vida ativa, importam os símbolos expressos através das vestes, das práticas comunitárias que envolvem o trabalho, a oração etc. Tais símbolos revelam-se como aspectos provocadores de uma experiência de encantamento que motiva o ingresso à VR e eles também demonstram que elementos externos, presentes no universo significativo dos sujeitos, são capazes de impulsioná-los e influir na escolha individual. Estes aspectos externos podem ser ilustrados pela harmonia da vida comunitária que as religiosas tradicionais antes de ingressar na VR, percebiam entre as irmãs que conheciam; pelo encantamento com as vestes (o hábito), com a conotação sagrada que as irmãs afirmaram observar entre as religiosas de sua cidade. Já para as inseridas, a experiência de encantamento que viveram em relação à VR se deu pela admiração da conduta de outras irmãs, mas especificamente no que se refere à valorização de um estado de espírito de despojamento que percebiam entre religiosas conhecidas.

### ***Motivos para o declínio de vocações***

Na pesquisa *Vida Religiosa* realizada pelo CERIS/CRB <sup>(3)</sup> constatou-se na última década, decréscimo no contingente de religiosas católicas. Em 1990 havia 37.380 religiosas e em 1996 este número passa para 36.573. Observa-se que em uma década houve queda no contingente de irmãs que fizeram os votos perpétuos de aproximadamente 2%. Ao longo de outras décadas os números não são tão benevolentes com as vocações femininas. Em 1970, o número de religiosas era de 40.660 (Anuário CERIS, 1997).

Para as religiosas entrevistadas em meu estudo, alguns fatores existentes na sociedade atual vem contribuindo para o declínio das vocações para a VR. Questões internas à instituição foram apontadas por todos os grupos analisados, como por exemplo, a falta de autenticidade na VR; a tensão entre o "conservar" e o "renovar" que as irmãs apontam como uma questão institucional forte a ser refletida; a abertura para o trabalho leigo, o que favoreceria o trabalho nas comunidades religiosas, sem necessariamente haver a consagração. Porém, as religiosas também identificam como elementos que influenciam para o declínio das vocações, questões presentes no tecido social, como por exemplo, a desestrutura familiar, que deixaria o jovem sem referenciais de valores e a secularização, no sentido de perda do sentimento religioso.

A reflexividade das religiosas é visível na resposta a essas questões considerando que elas identificam motivos não apenas de ordem extra-eclesial, mas também motivos de ordem intra-eclesial indicando criticismo frente à VR institucional. Tal criticismo se manifestou surpreendentemente entre as tradicionais, pois apontaram sobretudo, motivos inerentes à própria instituição. Dentre estes, destacou-se uma certa dificuldade de diálogo das congregações com os jovens no sentido de colocar as casas religiosas mais abertas à juventude.

Todo esse universo riquíssimo de significados revela-nos que elementos subjetivos prevalecem no momento da escolha por este tipo de vida. Ressalte-se a "camuflagem do sagrado" (Scarlatelli, 1998) presente na história das religiões e que produz um contínuo revelar-se e esconder-se; fugir do mundo e mostrar-se a ele. Optar pela VR, muitas vezes, não é esconder-se mas sim, afirmar uma realidade que é carregada de sentidos para quem nela crê: é "dar a vida"; é "experiência apaixonada" entre o sagrado e os seguidores de seus encantos.

### ***A construção da identidade: aspectos gerais***

A tradição se configura enquanto um meio de construção da identidade (Giddens, 1997). Seus recursos são reelaborados reflexivamente permitindo ao sujeito articular dentro do universo significativo, no qual está inserido, um diálogo com a tradição, seja para a resolução de questões na esfera privada, seja através da provocação do confronto entre a agência humana e a normatização gerada institucionalmente.

As religiosas falam de suas crises e ao mesmo tempo, indicam dois caminhos básicos utilizados para o enfrentamento destas. A congregação religiosa é o primeiro, ainda que isto possa parecer paradoxal, pois as crises se dão no espaço institucional e os relatos de crises possuem o marco temporal do período pós ingresso na VR. Muitas vezes a congregação teve que se adequar às demandas ainda que subjetivas de seus membros para garantir a permanência destes no grupo. Outro caminho, são as terapias que enquanto recurso extremamente moderno, favoreceram e têm contribuído com uma grande maioria de religiosas entrevistadas, na reflexão sobre si mesmas, provocando muitas vezes, novas formas de ver a VR e estratégias de enfrentamento para os conflitos pessoais.

A construção da identidade das *religiosas inseridas e tradicionais de vida ativa*, está, sem dúvida, fortemente relacionada com essas crises. Para as inseridas, as regras conventuais, o desejo de liberdade, as relações interpessoais no interior das congregações religiosas foram elementos catalisadores das crises. Especialmente no que se refere às regras conventuais manifesta-se um desejo de preservação da individualidade ainda que em contexto comunitário ou coletivo.

Existe um modo de construção dialógico na relação entre o desejo dos sujeitos e a

prescrição institucional. Estes elementos tem um caráter transversal que constrói essa relação e tende a possibilitar a permanência das religiosas na instituição ainda que em momentos de crise pessoal. Aqui, inscreve-se a lógica democrática guiada pela emoção que, conforme orienta Giddens (1993), garante a negociação na esfera privada. Algumas decisões das congregações foram negociadas a partir de uma interpelação dos sujeitos envolvidos e como a atitude de diálogo foi possível em várias situações.

Outro elemento que contribuiu na existência de crise para muitas religiosas foi a vivência da pobreza. Em geral as irmãs fazem voto de pobreza, castidade e obediência quando ingressam na VR. Mas em que sentido viver a pobreza configura-se enquanto um drama social para as religiosas? Entre as inseridas este foi um marco interessante porque desejam viver este voto de maneira sempre mais autêntica e paralelamente a este desejo, percebem entraves pessoais e muitas vezes institucionais, para sua concretização. A ambigüidade desta opção, que se inscreve como um compromisso definitivo no momento da consagração ou dos votos, foi expressa de maneira contundente. Diretamente relacionada com a questão da solidariedade com os pobres, a vivência da pobreza provoca, por um lado, o sentimento de semelhança ou aproximação com o mundo dos "excluídos" e por outro, presenciar a pobreza nas periferias e comunidades, onde moram, imprime nestas religiosas sentimento de impotência e angústia.

Outro aspecto analisado na construção da identidade das religiosas inseridas foi a questão da inculturação. Elas revelaram que há um esforço de identificação com a cultura local que envolve interlocução com os sujeitos ou o "povo" das comunidades onde essas irmãs se instalam. Assumir os próprios costumes e normas da congregação e fazer uma mediação identitária com o povo traduzindo-lhes a mensagem cristã numa ótica de respeito ao sistema cultural local, não é uma fácil tarefa e funciona para muitas religiosas, como um momento de crise e conflito pessoal.

As religiosas tradicionais assinalaram questões afetivas ligadas mais diretamente à sexualidade e ao romantismo como principais deflagadoras das crises que vivenciaram no interior das congregações. Estas religiosas falaram de seus dilemas, das incertezas e, com isso confirmaram que a incerteza da qual nos fala Bauman (1998) são as únicas certezas que possuímos no contexto da modernidade contemporânea.

A Vida Religiosa precisa de transformações. Esta afirmativa foi quase consenso nos diversos grupos. As irmãs argumentam sobre aspectos estruturais da instituição VR que desejariam ver modificados. Em geral, há uma ênfase em um não afastamento radical do mundo, talvez para torná-lo mais sagrado a partir da experiência da fé que, em especial as *religiosas inseridas* e *as tradicionais de vida ativa*, transmitem nos ambientes onde estão. Já para as *tradicionais contemplativas*, a instituição VR não necessita de grandes transformações, mas sim, cada sujeito vocacionado deverá buscar a contínua transformação pessoal.

### ***As religiosas e o vivência da feminilidade***

Foi possível constatar uma nova elaboração do discurso sobre o feminino na VR que destaca a idéia de profetismo ou "protagonismo" da mulher religiosa. As irmãs mostraram-se sensíveis às questões de gênero, o ser mulher, o uso do corpo.

No que se refere à existência de conflitos nas relações de gênero na Igreja, questiono as religiosas sobre a existência de harmonia nas relações entre religiosas e religiosos. As respostas se diversificam de acordo com cada grupo analisado. Para as *inseridas* (de ambos os grupos), não há harmonia nessas relações e as críticas

ao machismo masculino são freqüentes. Para as tradicionais, há harmonia nestas relações, mas há também machismo e por fim, para as *tradicionais contemplativas*, há harmonia entre religiosos e religiosas. Este último grupo avalia positivamente a instituição VR denotando menor criticismo quanto às relações de gênero na VR.

A construção da identidade feminina para as religiosas implica na redescoberta da própria feminilidade. Ocorre uma busca de valorização profissional mais fortemente identificada no grupo de inseridas. Estas também desejam contribuir para que o religiosos e padres em geral (diocesanos) redescubram o seu papel. Na ótica das religiosas, estes padres estão mais vulneráveis à competições por viverem uma vida mais individual e menos comunitária.

As religiosas *tradicionais de vida ativa* mostraram-se críticas quanto ao lugar que a mulher ocupa na instituição, mas admitem que há algum progresso no tratamento de questões de interesse da mulher. Os próprios grupos de reflexão que a CRB possui, discutem a questão do espaço da mulher na Igreja de maneira acentuada. Há, inclusive, diversos estudos sobre o resgate da memória histórica da mulher na Vida Religiosa <sup>(4)</sup> (CRB, 1997).

Com relação ao tema do sacerdócio feminino, as opiniões apresentam algumas nuances de acordo com o grupo estudado. Para as inseridas, o modelo de sacerdócio vigente na instituição católica não é satisfatório e elas não reivindicam esta posição na hierarquia, ao contrário, acreditam que o sacerdócio lhes impossibilitaria de explorar o "profetismo da vida". Argumentam que não existe fundamentação bíblico-teológica para esta proibição, mas de certa forma possuem um tom de discordância com as teólogas feministas que reivindicam este direito para as mulheres na Igreja. Na visão das inseridas, exercer o sacerdócio feminino da mesma maneira como o masculino está estruturado, significa uma reprodução de um modelo hierárquico que elas não valorizam, ao contrário, rejeitam.

No grupo de *tradicionais de vida ativa*, ficou clara a concordância com a reivindicação de algumas religiosas e teólogas acerca do sacerdócio feminino, embora não tenham manifestado o desejo de exercer essa função. Este grupo também não vê impedimento teológico para a concessão do sacerdócio às mulheres. Também as *tradicionais contemplativas* não vêem esse impedimento, mas evitam maiores elaborações acerca da temática.

Com relação à vivência do voto de castidade, há entre as religiosas em geral, uma perspectiva mais integradora entre corpo e espírito apontando para uma redimensionalização positiva da sexualidade e não pela sua negação. Elas entrelaçam os conceitos de afetividade e sexualidade passando pelos ideais de amor romântico presentes nas expressões "paixão por Jesus", "experiência apaixonada".

O discurso sobre a vivência do voto de castidade pelas religiosas inseridas apontou para uma postura de não negação da sexualidade. Denominam essa postura como sendo "acolhimento", no sentido de não negar que possuem desejos, que são mulheres, mas que acolhem esses desejos e os canalizam de acordo com o sentido que dão à própria vocação. Essa perspectiva vem sendo trabalhada pela produção teológica (Gialdi, 1999; Mayer, J.1985) possibilitando uma leitura mais positiva da sexualidade.

Entre as *tradicionais de vida ativa*, a expressão "canalização da sexualidade", foi comum, bem como a idéia de compromisso com Deus. Entre as *tradicionais contemplativas*, destacaram-se expressões que remetem à analogia com o casamento como "amor sponsal" ou "esposa de Cristo". Esta perspectiva revela um desejo de ascender a Deus através da entrega da sexualidade genital e de um

romantismo que perpassa todo o discurso a respeito desse voto, colocando o amor romântico por Jesus como ponto chave para a realização afetiva. Este romantismo pôde ser observado também entre as inseridas, denotando pluralidade desta representação nos diversos grupos de religiosas.

### **Considerações finais**

O estudo da VR feminina abre portas para novas análises. Essas mulheres não apenas formam grande parte do contingente da Igreja Católica, mas sobretudo, exercem um papel fundamental na reinvenção da tradição. Se por um lado, percebe-se a tradição como dotada de aspectos opressores, por outro, esta mesma tradição como assinala Giddens (1997:129) "*se prepara para entrar em um diálogo aberto (...) com modos alternativos de fazer as coisas*". Estes modos articulam-se reflexivamente na modernidade avançada.

A experiência subjetiva, que normatiza a conduta dos grupos analisados, revela que a experiência da fé ainda é capaz de mobilizar e alavancar os sujeitos na sociedade moderna rumo à construção de um "novo". Este tema do "novo"; da "novidade da VR", que ainda não se sabe ao certo qual é, é muito presente nos artigos publicados pelos religiosos (Nery,1997; Libânio, 1982; Valle,1998) e se apresenta como algo que é utopicamente esperado, além de funcionar como fundamental agente catalisador para as inovações que vem sendo provocadas na VR.

A instituição VR atravessa um período de profunda reformulação. Possivelmente não se extinguirá, mas se adaptará às novas exigências individuais dos sujeitos que nela ingressam.

A sociedade atual conforme Giddens (1997) argumenta é uma sociedade onde ocorre uma contínua modificação nos mecanismos de verdade. O "natural" não está mais dado e pode transformar-se em questões que envolvem a decisão humana. Esse contínuo questionamento da realidade produz, segundo o autor, inovações nos espaços éticos, além de novas perplexidades políticas.

Nesse contexto, onde ocorre uma tendência de implementação de sistemas mais flexíveis e descentralizados de autoridade, podemos sugerir que algumas congregações religiosas, em especial as de *vida ativa inseridas* ou *tradicionalis*, a partir do alto grau de reflexividade dos sujeitos propiciarão o remodelamento da tradição religiosa católica no que se refere a questões dogmáticas como por exemplo, o celibato obrigatório para os padres, questão que não foi possível aprofundar neste estudo.

As freiras demonstraram que como mulheres desse tempo, podem contribuir para o aprofundamento de questões femininas que geram pontos de tensão no universo ao qual pertencem provocando uma problematização da tradição que venha a favorecer a vivência da vocação religiosa. Em tempos de crises de paradigmas, a VR sobretudo, a feminina, também se questiona sobre seus modelos e busca integrá-los no compasso da modernidade avançada e suas interpelações.

### **Referências Bibliográficas**

- BAUMAN, Z.(1998). **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LIBANIO, J. B.(1982). "*As rupturas da vida religiosa. Uma perspectiva de leitura de suas transformações*". **Convergência** (152). Rio de Janeiro: CRB.
- MAYER, J. P. (1985). "*A Vida Religiosa Feminina, sinal de esperança*". **Convergência** (187). Rio de Janeiro: CRB.
- NERY, P. (1997). "*Refundação da Vida Religiosa*". **Vida Religiosa em face do Terceiro Milênio, Cadernos da CRB** (23).
- GIALDI, S. (1999). "*Vida Religiosa Consagrada (Buscas e Indicativos da Refundação)*". **Grande Sinal** Ano L III. Inst. Teológico Franciscano, Petrópolis: Vozes.
- CRB (1997). "*Recuperação da memória histórica da mulher na Vida Religiosa feminina da América Latina e do*

- Caribe". **Relatório anual do projeto**. mimeo.
- GIDDENS, A. e outros (1997). **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP.
- \_\_\_\_\_(1993). **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP .
- ROLIM, F.C. (1997). **Dicotomias Religiosas: ensaio de sociologia da religião**. Petrópolis: Vozes.
- SCARLATELLI, C. C. SILVA. (s.d.). "A camuflagem do sagrado". **Rev. Síntese**, vol. 25. n. 82 Fac. de Filosofia da Cia. de Jesus, SJ BH.
- ROSADO NUNES, M. J.(1985). **Vida Religiosa nos meios populares**. Petrópolis: Vozes.
- VALLE, E. (1998) "*Que futuro para a Vida Religiosa no Brasil? Reflexões em torno da virada do milênio*". **Cadernos de Vida Religiosa** n. 2. Aparecida: Santuário.
- WEBER, M. (1991). **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Rio de Janeiro: Guanabara.

## Notas

- 1) A autora é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Pesquisadora do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) e Professora da PUC - RJ.
- 2) Refiro-me à minha dissertação concluída em 1999: **Vinho novo em odres velhos? Uma análise da Vida Religiosa feminina na modernidade contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ.
- 3) Vida Religiosa no Brasil: Pesquisa e primeiros resultados. CERIS/CRB. Rio de Janeiro: CRB, 1998.
- 4) No relatório geral datado de 1997 a respeito do estudo intitulado "Recuperação da memória histórica da mulher na Vida Religiosa feminina da América Latina e do Caribe", a seguinte justificativa é apontada: "*Descobrir a passagem de Deus através dos últimos 40 anos de história da Vida Religiosa feminina, para concretizar sua identidade no processo vivido e descobrir novos caminhos*".